De Santa Olaia a Bensafrim:
Itinerários e percursos de Santos Rocha no Algarve

Ana Margarida Arruda (*)
Carlos Pereira (*)

1. Introdução

A presença de António dos Santos Rocha no Algarve não é alheia à existência para a região de um levantamento arqueológico prévio. Com efeito, o trabalho que Estácio da Veiga desenvolveu no século XIX, e de que resultou a publicação da respectiva *Carta Archeologica*, foi, certamente, determinante na escolha do sul de Portugal como área a explorar pelo fundador do Museu da Figueira da Foz.

As viagens do advogado figueirense ao Algarve, cujos itinerários aqui apresentamos de forma mais ou menos detalhada, foram prévia e cuidadosamente preparadas em função dos seus próprios objectivos, mas tendo por base o trabalho do pioneiro algarvio.

Nos objectivos que nortearam as deslocações, que conhecemos através dos resultados publicados das suas "*explorações*" (Rocha, 1971, 1975, 1895a, 1895b, 1895 c, 1895d, 1896, 1904b, 1904c, 1904d, 1904e, 1904f, 1906a, 1906c, 1907a, 1907b, 1908a, 1908b, 1908c), das notas que constam dos cadernos pessoais e do que podemos ainda deduzir do estudo minucioso da sua actividade por terras meridionais, sobressai a necessidade de "*...engrandecer as suas* [entenda-se do museu da Figueira] *collecções*..." (Rocha, 1895a, p. 113), intenção que estava à partida facilitada pelo conhecimento de sítios concretos, já cartografados e classificados de acordo com cronologias mais ou menos precisas. Estava assim dispensada a necessária prospecção, podendo o trabalho ser direccionado para sítios específicos, de localização e cronologia já conhecidas.

(*) UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. E-mail: a.m.arruda@fl.ul.pt

Assim, a ausência de dados sobre as primeiras Idades dos metais na região da Figueira, e por conseguinte a sua escassa representação no Museu (Rocha, 1904c, p. 35), podia ser colmatada com elementos recolhidos, por exemplo, na então já famosa necrópole de Alcalar, bem como em outras, da mesma época, que Estácio da Veiga também referira, elementos esses que contribuíram, decisivamente também, para o seu trabalho "*Material para o estudo da Idade do Cobre em Portugal*" (1904e).

Por outro lado, a necrópole de Bensafrim exercia uma particular atracção para Santos Rocha, uma vez que era, do ponto de vista cultural e cronológico, afim de Santa Olaia, e permitia-lhe prosseguir a investigação sobre uma temática a que já tinha dedicado alguns estudos. Por isso mesmo se compreende que, num primeiro momento, o seu pensamento se tenha, justamente, fixado naquela necrópole do Concelho de Lagos, e que a ela tenha dedicado a maior parte do tempo em que esteve no Algarve (Rocha, 1885b, p. 208).

As excursões efectuadas decorreram entre os anos de 1894 e 1906. Nas duas primeiras (1894 e 1985), para as quais obteve financiamento da Sociedade, fez-se acompanhar por Francisco Ferreira Loureiro e pelo colector Francisco Dias Cardoso (Pereira, 1994, p. 166). Nas duas últimas, ocorridas já no século XX, Santos Rocha foi auxiliado por Joaquim Jardim, seu cunhado.

O primeiro e segundo percurso deste investigador no Algarve podem ser seguidos através dos artigos publicados na "Gazeta da Figueira" por José dos Santos Pereira Jardim, sendo mais detalhados os que se referem ao primeiro (Jardim, 1894a, 1894b, 1895a, 1895b, 1895c, 1895d, 1895e). Os trabalhos dados à estampa no "*Archeologo Português*", no ano de 1895, sobre a primeira excursão, e, em 1896, sobre a segunda, bem como os relatórios da gerência da "*Sociedade Archeologica Santos Rocha*" contribuem também, decisivamente, para esclarecer certos aspectos dos respectivos itinerários.

Para a "excursão" realizada no ano de 1900 pudemos consultar um caderno pessoal onde Santos Rocha relata as "*explorações*" por si levadas a efeito. Sobre a última das viagens, do ano de 1906, a informação é mais escassa, sendo difícil traçar o itinerário. Santos Rocha apenas fez referência aos sítios "*explorados*" no relatório da gerência da sociedade.

Só uma abordagem global de todos estes dados permite esboçar os percursos de Santos Rocha no Algarve. De facto, a informação disponível é muitas vezes contraditória e apenas quando cruzamos todos os elementos existentes podemos seguir, com relativo detalhe, os passos deste figueirense por terras do sul.

Se é verdade que os trabalhos efectuados na área meridional do território português pelo investigador figueirense são já bem conhecidos, pretendemos que este trabalho contribua para lhes dar alguma ordem e sobretudo esclarecer o contexto pessoal e científico em que decorreram.

2. As "explorações"

2.1. Percurso de 1894/1895

A primeira visita de Santos Rocha ao Algarve teve lugar entre Dezembro de 1894 e Março de 1895. Seguiu, grosso modo, um percurso este/oeste, tendo-se iniciado em Tavira e terminado em Bensafrim. É perceptível a existência prévia de um roteiro bem definido, que não foi, contudo, cumprido de forma estrita (Fig. 1).

Em Tavira, onde começou a viagem, tinha como objectivo confirmar a presença de silos a sul da cidade, informação que obteve na "*carta archeologica do Algarve*", tendo contactado com o Dr. Trindade, mas nada encontrou, conforme informou em artigo publicado na "Gazeta da Figueira", no qual referiu que "*Ao sul de Tavira não se conhece presentemente nenhum dos silos ou tulhos marcados na mesma carta*." (Jardim, 1894a).

Partiu de seguida para a área de Moncarapacho, onde investigou as Grutas do Abysmo e Ladroeiras, registadas na Carta Arqueológica do Algarve, concluindo que "*...não apresentam caracteres alguns que possam fazer suspeitar que tivessem servido de habitação ou abrigo ao homem em qualquer época.*" (*Ibidem*).

Em Santa Bárbara, concelho de Faro, apenas parece ter efectuado prospecções com o objectivo de relocalizar o sítio de Matos da Nora referido por Estácio da Veiga, mas não teve qualquer sucesso na sua busca. O topónimo Nora foi, contudo, verificado, mas a ele não estava associada qualquer estação arqueológica. Nas suas proximidades, Santos Rocha encontrou a Gruta do Algrão, junto à qual procedeu a trabalhos arqueológicos no sentido de procurar vestígios de uma necrópole, uma vez que teve notícia que, nesse local, tinham sido encontradas e destruídas algumas sepulturas. Refira-se que o sítio se encontrava inédito, não constando no levantamento de Estácio da Veiga. Porém, da hipotética necrópole também nada encontrou.

Até 26 de Dezembro de 1894, Santos Rocha escavou na Quinta de Marim, em Olhão, algumas sepulturas e restos de construções em área contígua à investigada por Estácio da Veiga (Rocha, 1895, p. 9), a quem, aliás, critica pela forma como efectuou a intervenção de terreno, bem como pelo facto de nada ter publicado sobre as suas descobertas (*Ibidem*, p. 8).

Ainda na publicação de 26 de Dezembro de 1894, no periódico "A Gazeta da Figueira", é referida uma deslocação a Albufeira com o objectivo de averiguar as Grutas das Gralheiras. Não sendo possível datar com precisão esta visita, ela deve ter correspondido uma "inspecção" rápida, o que entra, de alguma forma, em conflito com o itinerário mais ou menos linear desta excursão que, como já dissemos, se desenvolveu de este para oeste.

Após a primeira intervenção efectuada em Marim, e ainda no mês de Dezembro, Santos Rocha deslocou-se ao território de Faro, onde visita a Quinta do Sr. Pinto, com o objectivo de avaliar um pavimento e materiais que tinham aparecido "*...em escavação para uma nora...*" (Rocha, 1895, p. 200; Santos, 1927, Pereira, *no prelo a*).

Ainda em Faro, onde não efectua qualquer trabalho de escavação, são-lhe mostradas algumas peças de ouro que, dias antes, haviam sido descobertas (Rocha, 1908). As peças acabariam por ser vendidas a peso, pelo proprietário, a um ourives da cidade. O facto de, á época das excursões, a capital do Algarve não se identificar ainda com a *Ossonoba* das fontes clássicas pode justificar o pouco interesse que Santos Rocha lhe dedicou (Viana, 1952, Viegas, 2008, p. 97 e 98, Pereira, *no prelo a*).

A 29 de Dezembro do mesmo ano, Santos Rocha estava a intervir em São João da Venda, mais precisamente em propriedade do Sr. Baptista Relva, onde permaneceu, pelo menos, até 16 de Janeiro de 1895, ainda que neste mesmo intervalo de tempo tenha voltado novamente a Marim onde escavou "*...mais três sepulturas da necrópole...*" (Jardim, 1895a). A visita ao sítio de Cancela, onde assinala a presença de ruínas de "obras" romanas, algumas correspondentes a sepulturas, é ainda efectuada enquanto decorrem os trabalhos de São João da Venda. Contudo, não há qualquer indício de que tenha aí procedido a quaisquer escavações.

Durante toda a estadia deste investigador no concelho de Faro, são frequentes as suas visitas ao sítio romano de Milreu "*...com o intuito de fazer alguns estudos sobre certos materiais de construção, ...*" (Rocha, 1895b).

A 26 de Janeiro do ano de 1895, temos notícias que tiveram início os trabalhos na necrópole da Fonte Velha de Bensafrim (Jardim, 1895b). No entanto, até 13 de Fevereiro Santos Rocha terá explorado a necrópole da Campina, a Norte de Faro.

Mais uma vez, o percurso não é linear, verificando-se movimentações em direcção oposta à que estaria previamente definida. Esta situação pode ter correspondido a duas possibilidades: ou Santos Rocha deixou temporariamente Bensafrim para escavar na Campina, ou então trabalhou nos dois sítios em simultâneo. Neste último caso é obrigatório pensar no papel que os seus dois acompanhantes,

Francisco Ferreira Loureiro e Francisco Dias Cardoso, podem ter representado, admitindo-se que, em certos momentos, terão tido um qualquer protagonismo na direcção dos trabalhos de campo.

Certo é que os trabalhos em Bensafrim foram os que mais se prolongaram no tempo, tendo durado cerca de dois meses e meio, o que significa que Santos Rocha investiu bastante tempo desta excursão para intervir nesse local. Simultaneamente a estes trabalhos, teve conhecimento, através de José Joaquim Nunes, da existência de uma necrópole nas imediações de Lagos. Não parece ter-se deslocado ao local, pelo que desconhecemos a que sítio se refere Santos Rocha, a Marateca ou a Monte Molião.

Também o prior da Luz deu então conhecimento a Santos Rocha da descoberta de uma outra necrópole a dois ou três km da povoação. Infelizmente, as sepulturas encontravam-se já destruídas. De qualquer modo, Santos Rocha estava então totalmente empenhado em Bensafrim, não mostrando um qualquer particular interesse em outros sítios. Tudo indica, portanto, e como já referimos antes, que a expedição que tinha encetado ao Algarve levava já claros objectivos e destinos programados.

Parece assim importante determo-nos, um pouco mais aprofundadamente, sobre a importante necrópole orientalizante do concelho de Lagos.

Em Bensafrim, Santos Rocha encontra-se com o prior António José Nunes da Glória, o grande informador de Estácio de Veiga, que o auxiliou na própria localização dos vestígios, tendo os trabalhos sido iniciados de acordo com essas informações, próximo da povoação e junto a uma nora, local onde, segundo Nunes da Glória, teriam aparecido sepulturas. Mas, por aí nada se ter encontrado, passaram para um terreno onde o proprietário referiu haver ruínas. Aí pôs a descoberto uma série de estruturas, que, afirmou, não parecerem ser romanas, mas antes árabes.

Na área contígua àquela onde Estácio da Veiga escavou a necrópole de Fonte Velha, Santos Rocha identificou, por fim, enterramentos, romanos (Fig. 2) e, sob estes, da Idade do Ferro afirmando que ["*...para chegarmos a essa necrópole, tivemos que atravessar uma necrópole romana por incineração, que estava situada superiormente...*"] (Rocha, 1895c, p. 291).

A propósito da necrópole romana, a grande questão de Santos Rocha prendia-se com o tipo de incineração aí praticado. Para ele, não era claro se a incineração era feita em *ustrinum* ou em *bustum*. Por um lado, colocava a hipótese de a estrutura rectangular que Estácio da Veiga tinha escavado (Fig. 3) ter sido o local público de incineração (*ustrinum*), por outro, afirmava que a significativa quantidade de cinzas junto à grande maioria das urnas cinerárias parecia contrariar a existência de uma área especificamente destinada à incineração (Rocha, 1895c, p. 291 a 293). Inclinou-se, pois, para a segunda possibilidade, defendendo que as incinerações seriam feitas "*in situ*". As duas urnas que não se encontravam cercadas por cinzas comprovavam, contudo, a existência de incinerações em lugar próprio (Rocha, 1895c, p. 294).

São notáveis o estudo e a interpretação efectuados por este pioneiro da arqueologia portuguesa. Não só compreendeu que muitas das sepulturas romanas tinham afectado, irreversivelmente, os contextos das sepulturas da Idade do Ferro, como também concluiu que a necrópole romana apresentava duas práticas rituais distintas, concretamente incineração "*in situ*" e em *ustrinum,* com posterior colocação da urna na sepultura.

2.2. Percurso de 1895

A excursão de Setembro de 1895 teve início no concelho de Lagos, onde, mais uma vez, Santos Rocha investiu a maior parte do seu tempo. Voltou a Bensafrim, cuja necrópole parece ter constituído o motivo principal do regresso ao Algarve. Aí, "*...a exploração proseguiu pelos quadrantes O os trabalhos já feitos em Março ultimo.*" (19 de Out. de 1895, p. 1) Foi, precisamente, desta excursão que resultou o artigo do "*Archeologo Português*" de Março de 1896.

Santos Rocha deslocou-se ainda a Sobões da Mina, próximo de Bensafrim, onde constatou a existência de um lagar romano em propriedade de José Nobre, do qual faz uma pormenorizada descrição. Deu ainda notícia de outros locais do concelho, aos quais se deslocou apenas com o intuito de os observar. São eles: Vale da Vinha, Monte Amarelo, caverna da Sabrosa e Portela (Fig. 4). Presumimos que estes sítios foram sendo visitados pelo investigador enquanto decorriam os trabalhos na necrópole de Bensafrim.

Por razões muito concretas, outra necrópole do concelho de Lagos mereceu a atenção de Santos Rocha. Trata-se da Marateca a propósito da qual comenta "*...se nos aproximarmos de Lagos, passando a ponte, em direcção à Ermida de São Pedro, a 300m pouco ou mais ou menos para E. d`este edifício, em prédio da Srª D. Theodora Amalia da Silva Machado, encontramos obra de maior vulto.*" (Rocha, 1896, p. 68).

A curiosidade do arqueólogo pelo sítio cresceu quando José Joaquim Nunes lhe mostrou um "*...vaso de barro fabricado à mão, que se encontrava associado às peças metallicas...*" recolhido em contexto romano (*Ibidem*). Com efeito, o investigador figueirense estava decidido a comprovar que a "*...cerâmica de feição primitiva...*" coexistia em plena época romana. No entanto, e como hoje bem sabemos, a necrópole da Marateca foi utilizada durante a Antiguidade Tardia, conforme os materiais arqueológicos depositados no Museu da Figueira e, sobretudo, do MNA (Fig. 5), bem evidenciam, época em que a cerâmica manual era de utilização comum quer em sítios de habitat quer em necrópoles (Pereira, *no prelo b*).

Nesta segunda excursão, Santos Rocha não abandonou o concelho de Lagos sem antes fazer uma visita ao sítio romano da Boca do Rio, pois os seus trabalhadores eram de Búdens e, com frequência, lhe falavam do sítio (Rocha, 1896, p. 77). Não parece ter feito aí qualquer trabalho de escavação, mas fez uma detalhada descrição das estruturas postas a descoberto pela acção do mar. Referiu ainda que teve conhecimento de que apareceram sepulturas no cabeço a oeste do local das estruturas e que identificamos com o Serro das Alfarrobeiras.

Contrariando o rumo que teve a primeira excursão (E/W), o percurso decorreu então de oeste para este. Por este motivo, o advogado da Figueira da Foz terminou "*explorando*" novamente os sítios de São João da Venda e da Campina, ambos no concelho de Faro.

2.3. Percurso de 1900

Ainda que o primeiro e principal destino desta excursão fosse o Serro do Algarve, em Monchique, esta acabou por se desenvolver maioritariamente, e uma vez mais, no concelho de Lagos. O primeiro sítio onde Santos Rocha escavou quando aí chegou foi, precisamente, o Monte Molião (Fig. 6), local onde procedeu a trabalhos em um par de sepulturas (Rocha, 1906c).

Como foi referido, o seu primeiro ponto de interesse era a caverna do Serro do Algarve. Porém, "*...o proprietario, aliás bastante rico, era um velho sonhador de riquezas escondidas no seio da terra, e obrigou-nos, com a recusa do seu consentimento, a irmos divagar, durante alguns dias, pelos montes do concelho de Lagos, enquanto altas influências de Monchique procuravam encaminha-lo para uma solução que nos fosse favorável.*" (Rocha, 1904c, p. 35). Santos Rocha viu-se assim obrigado a alterar o seu itinerário.

Em Lagos, Santos Rocha e o seu cunhado Joaquim Nunes estiveram com o reverendo António José Nunes da Glória, pároco de Bensafrim, seu já conhecido. Juntos procuraram umas sepulturas que este havia explorado em Corte do Bispo, tarefa que não foi bem-sucedida, tendo, ainda assim, encontrado umas ruínas romanas, que foram descritas (Rocha, 1904c, p. 35 e 36).

Encontraram também o parceiro de explorações de outro tempo, Joaquim Nunes, capelão do regimento de infantaria 15, com o qual vão então ao Monte Molião.

A 11 de Dezembro, dirigem-se para a Mexilhoeira Grande onde são recebidos pelo pároco Manuel Dâmaso da Rocha, que os alojou (Rocha, 1904c, p. 36). É então que decidem, talvez pela escassez de tempo, dividir os trabalhos. Joaquim Jardim iria incidir esforços em Alcalar e Santos Rocha prospectaria a restante área e interviria em alguns sítios. É, precisamente, a escavação efectuada em Alcalar que parece provocar uma querela entre Santos Rocha e Leite Vasconcelos (Pereira, 1993-1994).

Mas deixemos Joaquim Jardim, que ficou ocupado de Alcalar, e retomemos o percurso de Santos Rocha. Dirigiu-se ao sítio da Donalda**,** onde encontrou as sepulturas escavadas na rocha referidas por Estácio da Veiga, mas nada mais. Por informação oral, tomou conhecimento que um lavrador «deu com umas lajes», em local próximo. Corresponde à necrópole da Baralha, a qual deixa o figueirense ocupado nos dois dias seguintes (Rocha, 1904c, p. 36).

Sabemos que no dia 14 do mesmo mês Santos Rocha se deslocou a Eira Velha, em Senhora do Verde, onde detectou construções e sepulturas romanas. Talvez ainda nesse mesmo dia, chegou a si a informação de que teria aparecido uma sepultura no sítio do Serro de Bartolomeu Dias, para onde se dirigiu com o objectivo de investigar a dita sepultura, tendo, após análise, procedido à execução de sondagens nas cercanias do achado (*Ibidem*).

No sítio da Norinha, Mexilhoeira Grande, Santos Rocha detectou e descreveu um lagar, descrição ainda conservada em um dos seus cadernos de apontamentos (Fig. 8). Esta excursão não terminaria sem que tenha explorado o Serro do Algarve, que era o seu destino inicial. Com efeito, de alguma forma o proprietário terá sido persuadido a permitir os trabalhos, cujos resultados não foram afinal proporcionais ao esforço efectuado.

2.4. Percurso de 1906

Esta é a excursão sobre a qual a informação é mais escassa. Apenas no relatório da gerência da sociedade pudemos encontrar a referência mais directa sobre a sua ida ao Algarve, no ano de 1906, durante a qual se "exploraram" e detectaram quatro novas necrópoles. São elas "*...Varzea do Farello (próxima do Serro de Bartolomeu Dias), outra na base do Serro do Poio, outra no Vidigal, todas da idade do cobre e outra no Serro do Algarve...*" (Rocha, 1906a, p. 194).

Santos Rocha diz ainda que "*Em um serro do Monte Velho, freguesia de Alvor, descobriu-se e explorou-se uma necrópole dolménica de transição para o cobre. O material recolhido foi muito importante, e já se acha arquivado no museu.*" (Rocha, 1906a, p. 195).

Sobre esta excursão, Santos Rocha não foi tão detalhado no percurso efectuado (Fig. 7) e as datas são, na maior parte dos casos, senão sempre, desconhecidas. Esta situação poderá indiciar que o investigador figueirense esteve ausente na maior parte das explorações efectuadas nos sítios, delegando essa tarefa no seu cunhado Joaquim Jardim.

Na publicação efectuada sobre a "*necropole wisigotica do Serro do Algarve*" (Rocha, 1908c), Santos Rocha deixou bem claro que quem laborou nesse local, próximo da caverna com o mesmo topónimo que tinham já investigado, foi efectivamente o seu cunhado, o que poderá extrapolar-se para a realidade da "excursão" anterior, ou seja, houve intervenções em simultâneo e por isso mesmo responsabilidades divididas.

3. Reflexões

Como já referimos, foi o conhecimento então existente sobre a arqueologia algarvia, de que Estácio da Veiga foi responsável, que impulsionou a deslocação de Santos Rocha para o extremo sul

português. A constatação da rica e densa existência de vestígios arqueológicos com diversificadas cronologias de ocupação levaram este figueirense a efectuar as "excursões" citadas, com objectivos concretos a cumprir, concretamente enriquecer as colecções do seu museu e obter dados para o estudo da "*Idade dos metais*". Não obstante, há indícios que transparecem outros objectivos que foram sendo adoptados com o evoluir das referidas "excursões".

De facto, e apenas para "…*não deixarmos perder para a sciencia alguns vestígios interessantes das epochas romana e árabe que por ali encontrámos*…" Santos Rocha se "*desviou do objecto das suas investigações*", que era objectivamente a Pré-história (Rocha, 1895a). Por outro lado, e porque tinha a "…*cargo a direcção do Museu Muncipal da Figueira, que muito carecia de engrandecer as suas collecções com artefactos d'aquella epochas, em que a região da Figueira é notavelmente pobre*…" as intervenções em sítios romanos estavam também justificadas.

Certo é que a primeira viagem teve um carácter essencialmente exploratório (Fig. 9). Santos Rocha pretendia efectuar um reconhecimento alargado da região algarvia e das suas ocupações antigas, reconhecimento que ultrapassou a simples prospecção e re-localização de sítios, tendo passado também por "*explorações*" em alguns locais. Só com a informação compilada desta forma estaria em condições de optar por determinadas áreas concretas de intervenção que permitissem cumprir os propósitos que tinha definido previamente. Por isso mesmo, as restantes jornadas foram já claramente direccionadas para sítios específicos (Fig. 10), estando, sobretudo as duas últimas, consideravelmente circunscritas quer do ponto de vista geográfico, quer no que se refere à cronologia e ao tipo de sítio a intervencionar.

Esta situação fica bem evidenciada pelo mapear das deslocações de Santos Rocha nas diferentes viagens e pela dispersão geográfica dos sítios investigados nos quatro itinerários que traçámos. A primeira visita é bastante abrangente, sendo as restantes mais focadas no que se refere à área.

Assim, pode concluir-se que o programa algarvio do pioneiro figueirense foi, em grande parte também, moldado pelos resultados do reconhecimento efectuado durante a primeira excursão, ainda que tendo sempre presente os objectivos iniciais.

Mas a dedicação à necrópole de Fonte Velha de Bensafrim, que se destaca no conjunto das acções levadas a efeito nas duas primeiras excursões, até pelo tempo que nela é dispendido, é por demais evidente e deve ser relacionada com a sua ocupação proto-histórica de características eminentemente mediterrâneas, próxima, na matriz cultural da que o investigador figueirense encontrara em Santa Olaia, sítio para o qual pretendia encontrar paralelos.

A justificação para este objectivo principal da primeira excursão esteve, precisamente, na elaboração de uma segunda, iniciada apenas cinco meses após o término da anterior. Acreditamos que esta nova viagem não havia sido programada antecipadamente, como acontecera com a primeira. Decerto que foram as descobertas efectuadas na necrópole de Bensafrim, e a consequente maior dedicação a este sítio, que levaram o investigador a realizar uma nova deslocação, pouco tempo depois.

Em determinado momento, Santos Rocha afirmou mesmo que a deficiente existência de vestígios de certas ocupações no concelho figueirense era um dos motivos para as digressões levadas a efeito por terras algarvias. Esta passagem deixa claro que, de facto, se pretendia encontrar paralelos para os sítios figueirenses investigados, como é o caso de Santa Olaia e da necrópole do Ferrestelo.

Bensafrim correspondia, assim, à Meca algarvia. Por um lado apresentava as duas ocupações sobrepostas, por outro, e por se tratar de necrópoles, fornecia materiais em muito bom estado de conservação.

As duas primeiras viagens apresentam um itinerário composto, maioritariamente, por sítios com ocupação da Idade do Ferro e da época romana (Fig. 9 e 10).

A terceira e a quarta excursão são sobretudo dedicadas à Pré-história antiga (Fig. 11 e 12), com uma única excepção, necrópole de Monte Molião, que foi intervencionada na primeira destas.

Lembre-se, contudo, que estes trabalhos resultaram, principalmente, do facto de a equipa do Museu da Figueira se encontrar a aguardar autorização para concretizar trabalhos arqueológicos no Serro do Algarve, em Monchique e, assim, tratava-se de aproveitar o tempo disponível, rentabilizando a deslocação.

Em 1900, e após a intervenção em Monte Molião, os exploradores viraram então a atenção para Alcalar, Donalda, Baralha, Serro de Bartolomeu Dias e Serro do Algarve (Fig. 12 e 13). Visitaram ainda Eira Velha e a Norinha.

Em 1906, é ainda, e, neste caso, em exclusividade, a Pré-história a que se dedicou, com a escavação das necrópoles da Várzea do Farello, do Serro do Poio, do Vidigal, do Serro do Algarve e do Monte Velho.

No seu derradeiro trabalho, os resultados das explorações levadas a efeito nos sítios pré-históricos do Algarve foram apresentados. Em "*Materiais para o estudo da Idade do Cobre em Portugal*" (1911) ficou clara a sua pretensão de efectuar um estudo de fundo sobre a cerâmica da "*...primeira idade dos metais…*". Afirmou ainda que o Algarve era "*...a região mais rica em estações típicas desses tempos, ...*" (Rocha, 1975, p. 97).

A Pré-história, e mais concretamente a Idade do Cobre, constituíram efectivamente um dos grandes objectivos das viagens de Santos Rocha ao Algarve, objectivo que foi conseguido, sobretudo, nas excursões de 1900 e de 1906. Esse interesse pela primeira Idade dos Metais tinha origem na escassez de dados sobre o período na região da Figueira, e também se pode justificar pela atenção dada ao tema durante o IX Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Histórica de 1880, onde Santos Rocha não participou, mas de que teve ecos (Gonçalves, 1980).

E o interesse pelo mundo indígena é de tal forma grande que os trabalhos na necrópole da Marateca só aconteceram pelo facto de se tratar de um sítio onde "*…a cerâmica de feição primitiva…*" existia em contextos romanos (Pereira, *no prelo b*).

Se as duas primeiras viagens foram subsidiadas pela Sociedade, as duas últimas decorrem já a expensas dos excursionistas, como referiu o próprio em relatório apresentado à gerência e posteriormente publicado no *Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha*.

Todos os materiais que resultaram dos trabalhos de Santos Rocha no Algarve foram cedidos à instituição, mesmo aqueles recolhidos nas excursões por si financiadas (Rocha, 1906, p. 193).

É indiscutível o grande peso que os trabalhos de Estácio da Veiga tiveram na programação das estadias do grupo da Figueira no Algarve. No entanto, o próprio Santos Rocha admitiu que a partir de determinado momento passaram a privilegiar as informações directas das populações (Pereira, 1994, p. 165), devido à grande dificuldade em relocalizar os sítios assinalados na "*Carta Acheologica do Algarve*". Poderemos afirmar que, a partir desse momento, se inicia a verdadeira "*expedição*" de reconhecimento.

Os diversos trabalhos publicados pelo investigador que agora se homenageia acerca das suas quatro expedições ao Algarve, e que totalizaram cerca de seis meses de trabalho de campo, espelham um profundo conhecimento das estações arqueológicas algarvias, as quais soube confrontar com as que estudava na sua terra natal.

Destaque-se ainda as descrições cuidadas e a análise penetrante que este notável arqueólogo da Figueira da Foz concretizou, por exemplo, para os monumentos megalíticos de Alcalar e de Monte Velho e ainda para a necrópole de Bensafrim.

Estas viagens permitiram-lhe também efectuar estudos de fundo, contribuindo para a discussão e esclarecimento de questões científicas nacionais (Gonçalves e Diniz, 1993/1994), tentando sempre integrá-las no âmbito internacional.

Santos Rocha, conhecedor da arqueologia do seu concelho (Vilhena, 1937; Fontes, 1955), mostrava de igual forma um profundo conhecimento da arqueologia que se praticava em território

nacional, fazendo com frequência referência a sítios portugueses como Alcoutão ou Granja do Oliveira (Cascais). Não esquecia ainda a investigação que se efectuava a nível internacional, chamando com frequência à colação sítios franceses, espanhóis e italianos, como Mouy-Bury (Oise), Poitiers, Saint-Jean-sur-Tourbe (Marne), Almeria (Espanha), Pollazzolo Vercellese (Itália), por exemplo.

É ainda de realçar a sua constante preocupação em divulgar os estudos e "explorações" que efectuava. O legado que nos deixou é, sem dúvida, inestimável.

Bibliografia

AA.VV (1994) – *Museu Municipal Dr. Santos Rocha, centenário (1894-1994)*. Câmara Municipal da Figueira da Foz.

FONTES, J. (1955) – O Dr. Santos Rocha e a arqueologia portuguesa. *Separata de Arqueologia e História*. Lisboa. 8.ª Série, Vol. VI.

GONÇALVES, V. (1980) – *O IX Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas (Lisboa 1880): uma leitura seguida de crónica de Bordalo Pinheiro*. Lisboa, CHUL.

GONÇALVES, V. e DINIZ, M. (1993-1994) – Na 2.ª metade do século XIX: luzes e sombras sobre a institucionalização da arqueologia em Portugal. In *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. IV, 11/12, p. 175-187.

GUERRA, A. V. (1969) – António dos Santos Rocha (1910), notícias arqueológicas. In *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 3, 3, p. 261-284.

PEREIRA, A. (1911) – Dr. António Santos Rocha. In *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 16, p. 174-177.

PEREIRA, C. (*no prelo a*) – As Lucernas romanas do Museu de Faro: um conjunto que renasce. Apresentação efectuada no *9.º Encontro de Arqueologia do Algarve* celebrado de 20 a 22 de Outubro de 2011.

PEREIRA, C. (*no prelo b*) – A necrópole da Marateca: anexo para a sua investigação. Apresentação efectuada no *9.º Encontro de Arqueologia do Algarve* celebrado de 20 a 22 de Outubro de 2011.

PEREIRA, I. (1993-1994) – Leite Vasconcelos e Santos Rocha: reflexos da polémica *Portugália*. In *O Arqueólogo Português* Lisboa. S. IV, 11/12, p. 89-101.

PEREIRA, I. (1994) – As excursões científicas ao Algarve, viagens. In *Museu Municipal Dr. Santos Rocha, centenário (1894 – 1994)*. Câmara Municipal da Figueira da Foz.

PEREIRA, I. (1997a) – As excursões arqueológicas de Santos Rocha na viragem do século. In *Jornal da Exposição: Outras viagens, outros tempos, outro Algarve*. Portimão. Museu Municipal de Portimão.

PEREIRA, I. (1997b) – Santos Rocha e a arqueologia do Algarve. In BARATA, F. e PARREIRA, R. (coord.) – *Noventa séculos entre a Serra e o Mar*. Instituto Português do Património Arquitectónico.

ROCHA, A. dos S. (1971) – *Memórias e explorações arqueológicas. Memórias sobre a antiguidade*. Acta Universitatis Conimbrigensis, Vol. II.

ROCHA, A. dos S. (1975) – *Memórias e explorações arqueológicas. Memórias sobre a antiguidade*. Acta Universitatis Conimbrigensis, Vol. III.

ROCHA, A. dos S. (1895a) – Notícia de algumas estações romanas e árabes do Algarve. Memórias e explorações arqueológicas III. Memórias sobre a Antiguidade. In *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, V. 1, N.º 5, p. 113-116.

ROCHA, A. dos S. (1895b) – Notícia de algumas estações romanas e árabes do Algarve. Memórias sobre a Antiguidade. In *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, V. 1, N.º 8, p. 193-212.

ROCHA, A. dos S. (1895c) – Notícia de algumas estações romanas e árabes do Algarve. Memórias sobre a Antiguidade. In *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, V. 1, N.º 11, p. 291-296.

ROCHA, A. dos S. (1895d) – Notícia de algumas estações romanas e árabes do Algarve. Memórias sobre a Antiguidade. In *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, V. 1, N.º 12, p. 327-337.

ROCHA, A. dos S. (1896) – Notícia de algumas estações romanas e árabes do Algarve. In *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, V. 2, N.º 3, p. 65-79.

ROCHA, A. dos S. (1904a) – Materiais para o estudo da idade do bronze em Portugal. In *Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha*. Figueira da Foz. Tomo I, N.º 1, p. 13-14.

ROCHA, A. dos S. (1904b) – Notícias de alguns silos e louças árabes do Algarve. *In Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha*. Figueira da Foz. Tomo I, N.º 1, p. 20-21.

ROCHA, A. dos S. (1904c) – Relatório da gerência de 1900-1901. *In Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha*. Figueira da Foz. Tomo I, N.º 2, p. 35-38.

ROCHA , A. dos S. (1904d) – Dólmens de Alcalar. *In Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha*. Figueira da Foz. Tomo I, N.º 2, p. 39-50.

ROCHA, A. dos S. (1904e) – Materiais para o estudo da época do cobre em Portugal. As necrópoles algarvias da Baralha e do Serro de Bartholomeu Dias. *In Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha*. Figueira da Foz. Tomo I, N.º 2, p. 56-63.

ROCHA, A. dos S. (1904f) – Estudo sobre um artefacto pré-romano d`ouro descoberto no Algarve. *In*

Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha. Figueira da Foz. Tomo I, N.º 2, p. 64-67.

ROCHA, A. dos S. (1905) – *O Museu Municipal da Figueira da Foz. Catálogo geral*. Figueira da Foz.

ROCHA, A. dos S. (1906a) – Relatório da gerência de 1901-1902. *In Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha*. Figueira da Foz. Tomo I, N.º 3, p. 75-77.

ROCHA, A. dos S. (1906b) – Estação neolíthica de Santa Olaia. *In Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha*. Figueira da Foz. Tomo I, N.º 3, p. 84-86.

ROCHA, A. dos S. (1906c) – Necropole luso-romana do Molião. *In Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha*. Figueira da Foz. Tomo I, N.º 3, p. 103-105.

ROCHA, A. dos S. (1907a) – Relatório da gerência de 1902-1903. *In Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha*. Figueira da Foz. Tomo I, N.º 4, p. 115-117.

ROCHA, A. dos S. (1907b) – Relatório da gerência de 1903-1904. *In Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha*. Figueira da Foz. Tomo I, N.º 5, p. 143-145.

ROCHA, A. dos S. (1908a) – Artefactos púnicos encontrados no Algarve. *In Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha*. Figueira da Foz. Tomo I, N.º 6, p. 176-177.

ROCHA, A. dos S. (1908b) – Relatório da gerência de 1904-1906. *In Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha*. Figueira da Foz. Tomo I, N.º 7, p. 193-195.

ROCHA, A. dos S. (1908c) – Necrópole wisigothica do Serro do Algarve. *In Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha*. Figueira da Foz. Tomo I, N.º 8, p. 221-225.

VIANA, A. (1952a) – Ossónoba. O problema da sua localização. Separata da *Revista de Guimarães*. Guimarães. 42, p. 250-285.

VIEGAS, C. (2011) – *A ocupação romana do Algarve. Estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*. Lisboa. UNIARQ.

VILHENA, H. de (1937) – *O Dr. António dos Santos Rocha. (Elogio, notas, bibliografia de S. R., notas de bibliografia sôbre S. R.)*. Lisboa.

Periódicos

JARDIM, J. (1894a) – Pesquizas archeologicas no Algarve. *In Gazeta da Figueira*, n.º 348, 26 de Dezembro, p. 1.

JARDIM, J. (1894b) – Pesquizas archeologicas no Algarve. *In Gazeta da Figueira*, n.º 307, 29 de Dezembro, p. 1.

JARDIM, J. (1895a) – Estação romana de Marim (Algarve). *In Gazeta da Figueira*, n.º 312, 16 de Janeiro, p. 2.

JARDIM, J. (1895b) – Descobertas archeologicas em Bensafrim, concelho de Lagos. *In Gazeta da Figueira*, n.º 315, 26 de Janeiro, p. 1.

JARDIM, J. (1895c) – Necrópole Pré-Histórica. *In Gazeta da Figueira*, n.º 320, 13 de Fevereiro, p. 2.

JARDIM, J. (1895d) – Descobertas archeologicas. *In Gazeta da Figueira*, n.º 331, 23 de Março, p. 2.

JARDIM, J. (1895e) – Explorações archeologicas no Algarve. *In Gazeta da Figueira*, n.º 391, 19 de Outubro, p. 1.

SANTOS, H. (1927) – Coisas antigas do Algarve. *In Correio Olhanense*, n.º 157, 25 de Junho, p. 5.

Manuscritos

ROCHA, A. dos S. – Colecção de plantas e desenhos de campo efectuados em Bensafrim. Acessíveis no legado do Museu Municipal Dr. Santos Rocha, Figueira da Foz. Portugal.

ROCHA, A. dos S. – Apontamentos pessoais de António dos Santos Rocha. Em exposição no Museu Municipal Dr. Santos Rocha, Figueira da Foz. Portugal.

ROCHA, A. dos S. – Correspondência enviada a Leite Vasconcelos. Legado José Leite de Vasconcelos. Epistolário de Leite Vasconcelos com as referências 19883 a 19927. Consultáveis no Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa. Portugal.

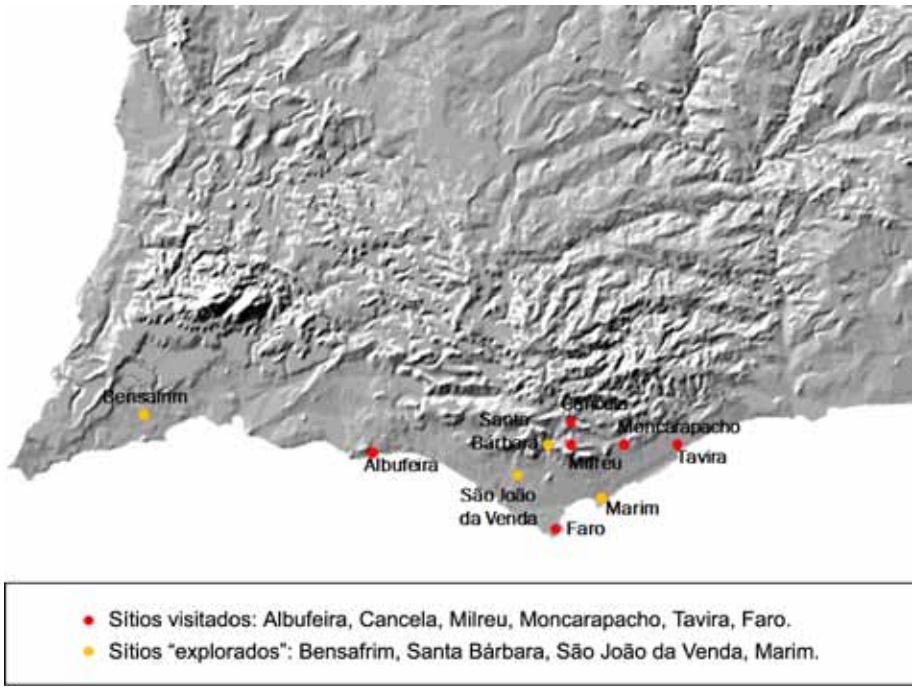

Fig. 1 - Localização dos sítios visitados e explorados durante o percurso de 1894 / 1895.

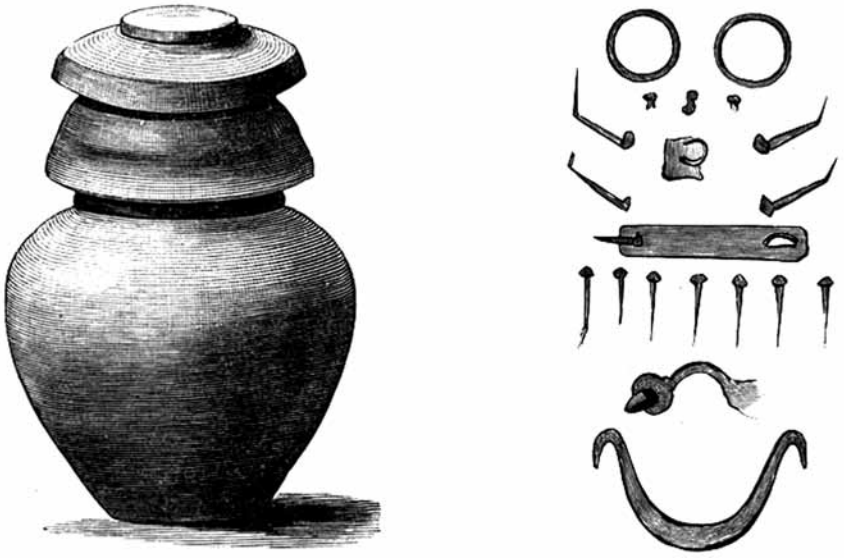

Fig. 2 - Urna cinerária e materiais pertencentes a uma caixa ou arca funerária recolhidos por Santos Rocha, hoje depositados no Museu Dr. Santos Rocha (Figueira da Foz).

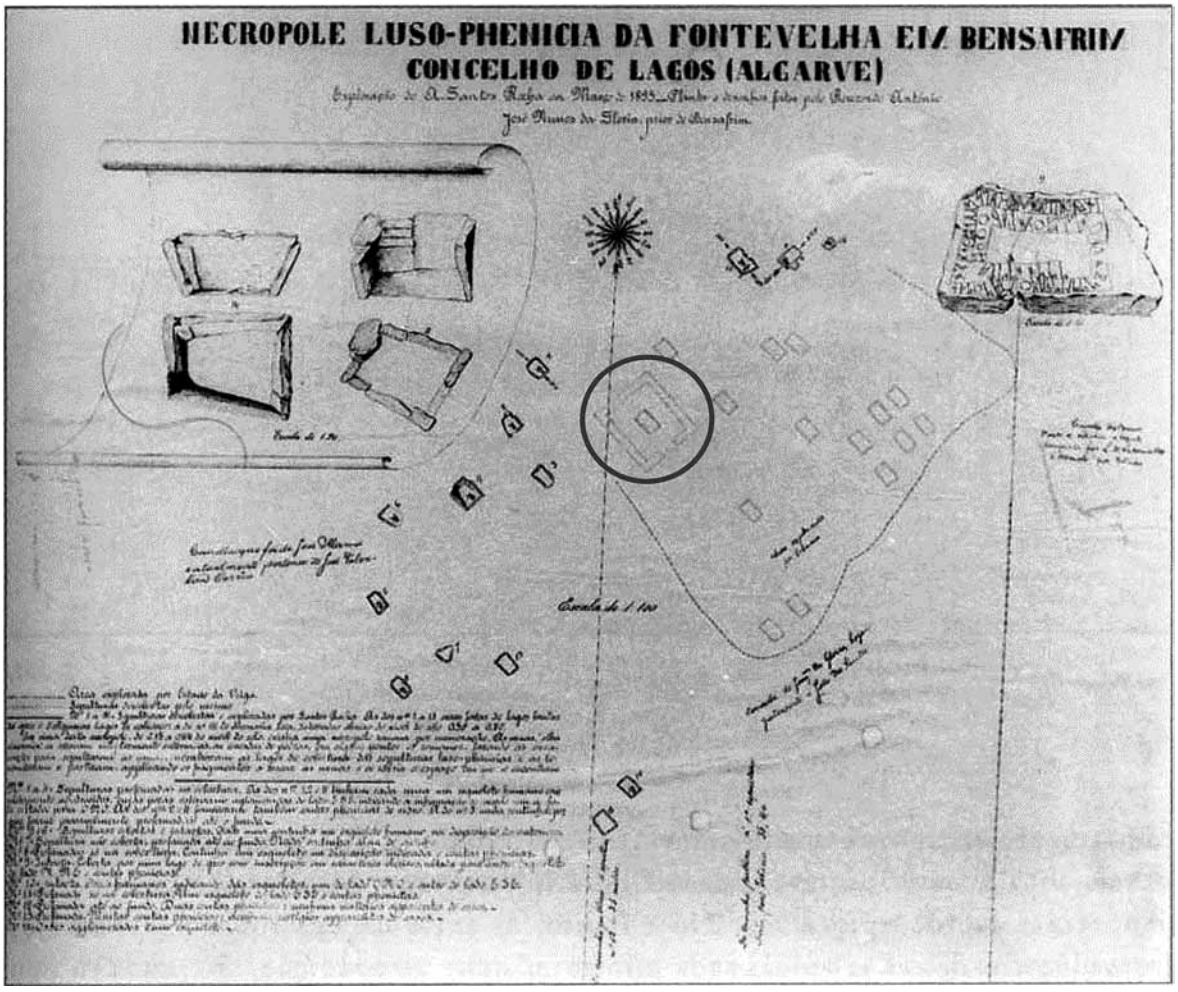

Fig. 3 - Planta da *"Necrópole Luso-Phenicia da Fonte Velha em Bensafrim"* com localização do possível *ustrinum* escavado por Estácio da Veiga. Elaborada pelo Reverendo José Nunes da Glória.

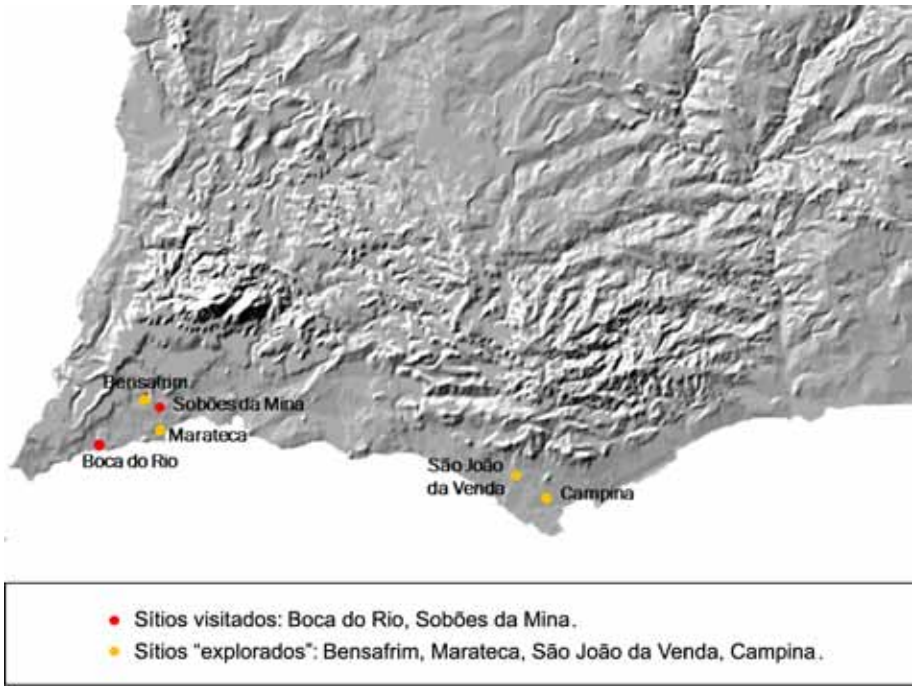

Fig. 4 - Localização dos sítios visitados e explorados durante o percurso de 1895.

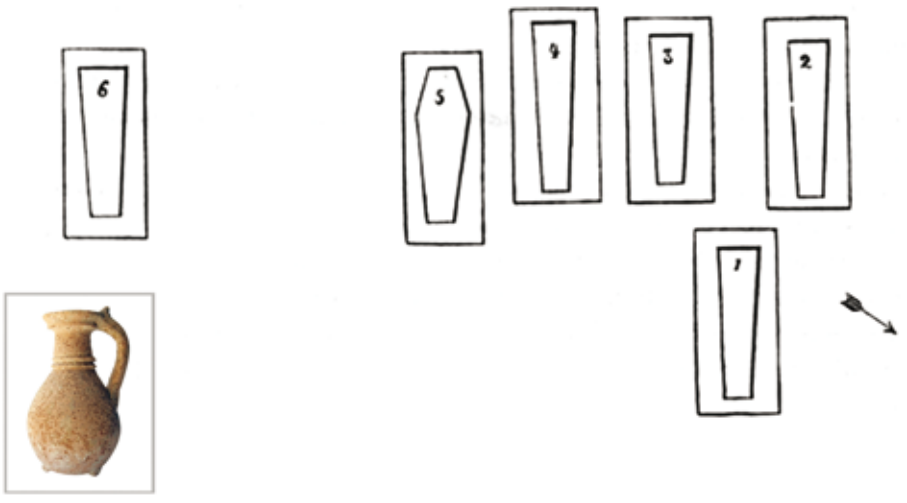

Fig. 5 - Planta da necrópole da Marateca (Lagos) e jarro recolhido em uma das sepulturas, depositado no Museu Nacional de Arqueologia.

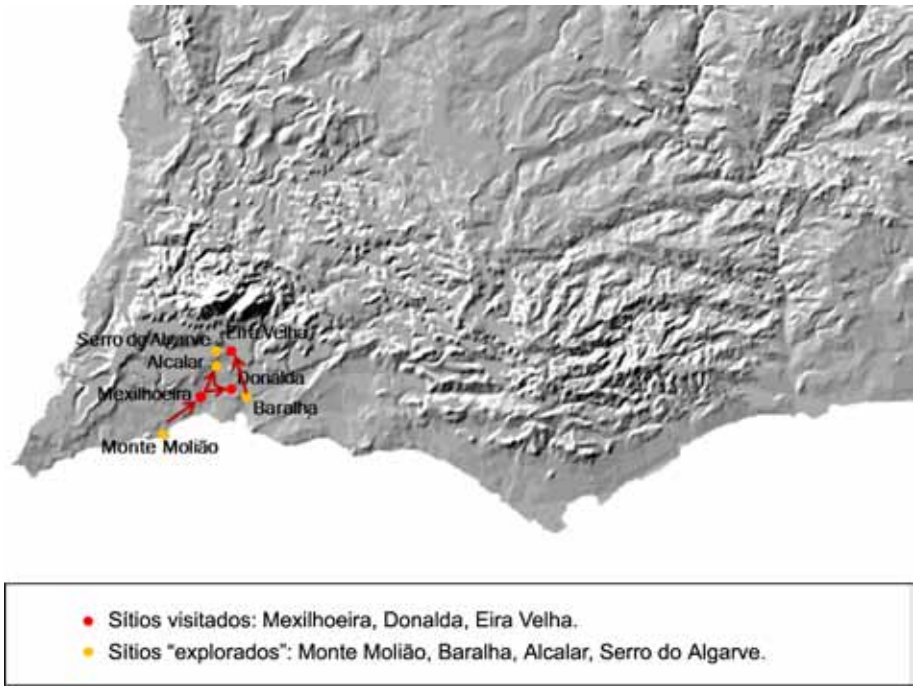

Fig. 6 - Localização dos sítios visitados e explorados durante o percurso de 1900.

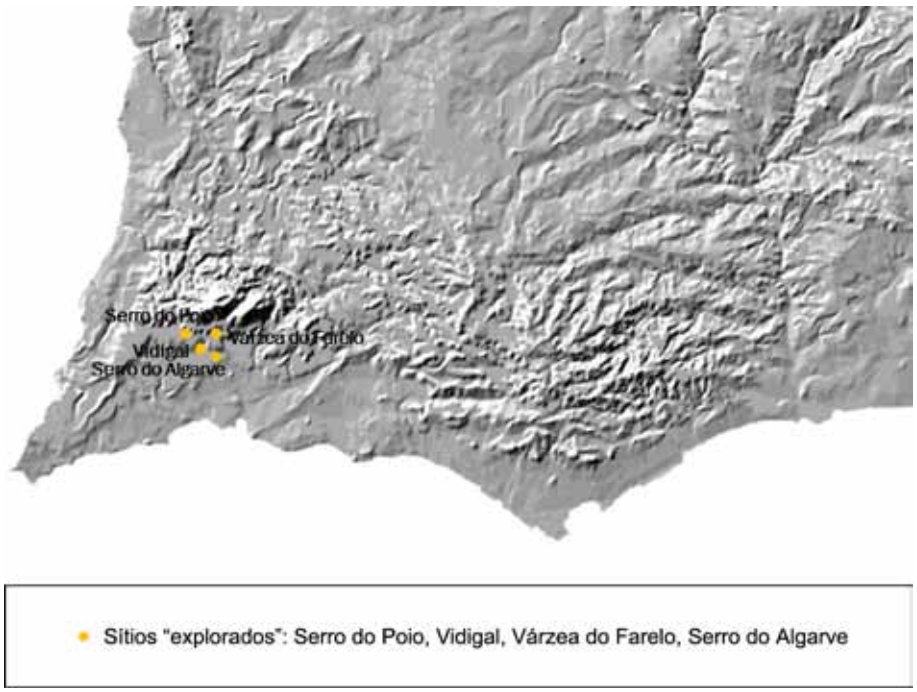

Fig. 7 - Localização dos sítios visitados e explorados durante o percurso de 1906.

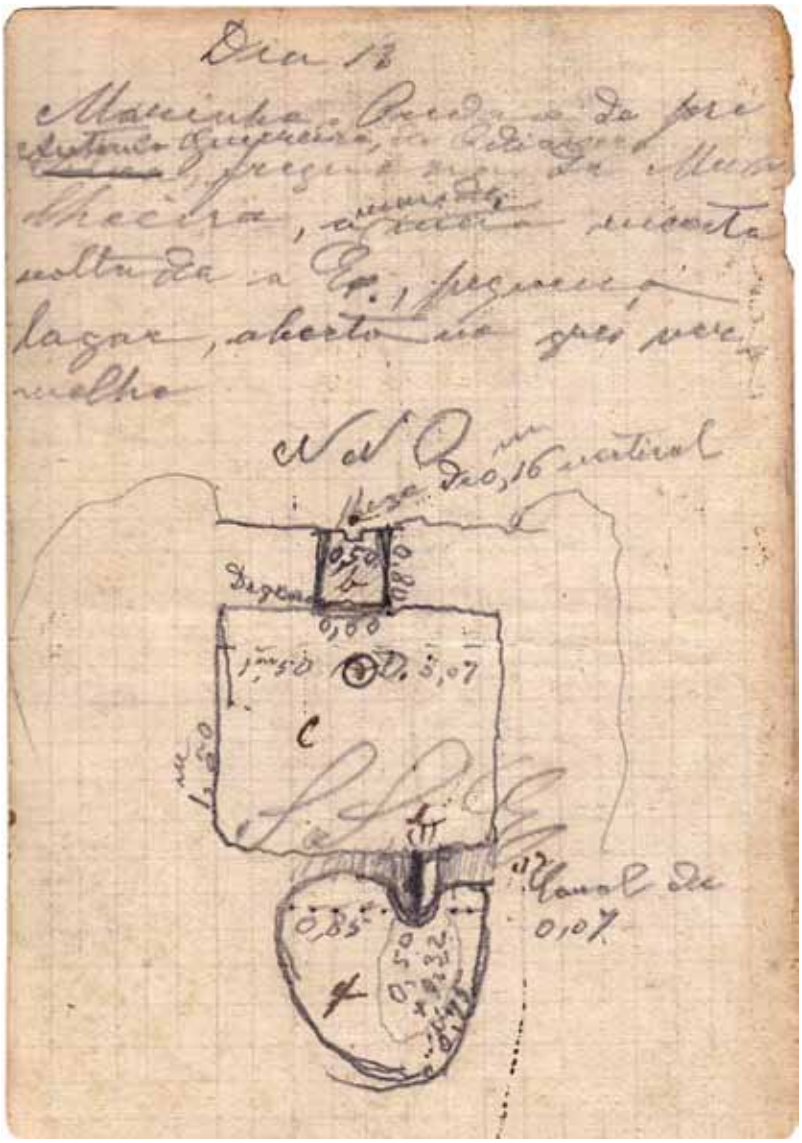

Fig. 8 - Descrição de um lagar explorado no sítio da Norinha, Mexilhoeira Grande, conservada em um dos manuscritos de Santos Rocha depositado no Museu Municipal Dr. Santos Rocha.

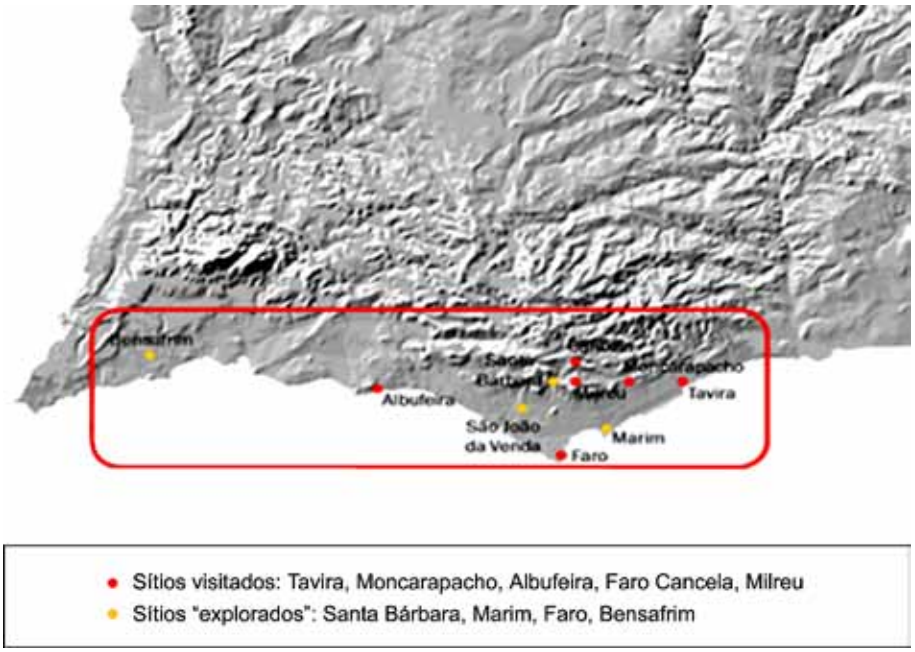

Fig. 9 - As "explorações" de finais do século XIX e os seus objectivos.

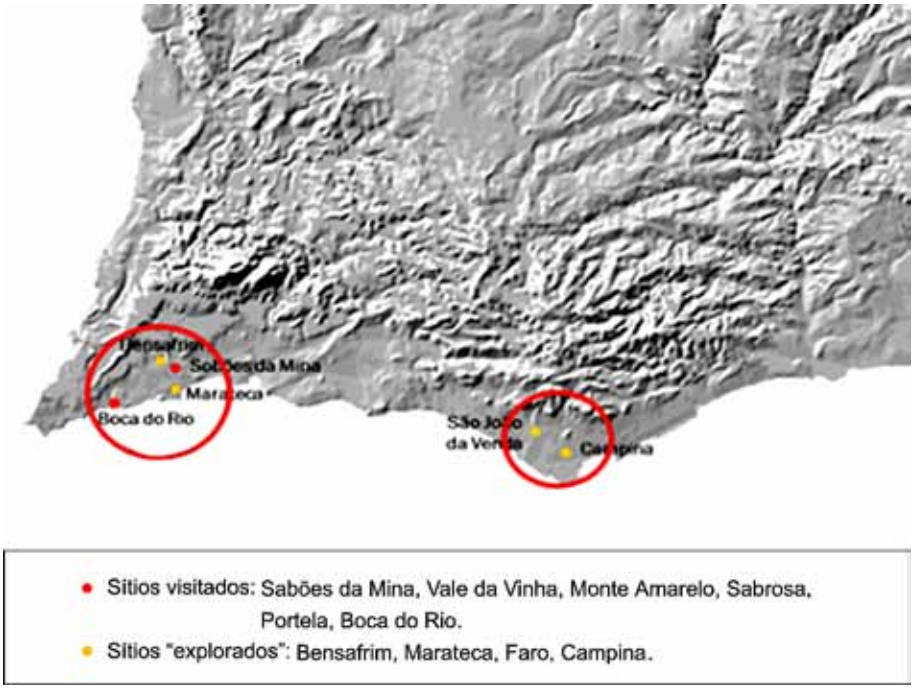

Fig. 10 - As "explorações" de finais do século XIX e os seus objectivos.

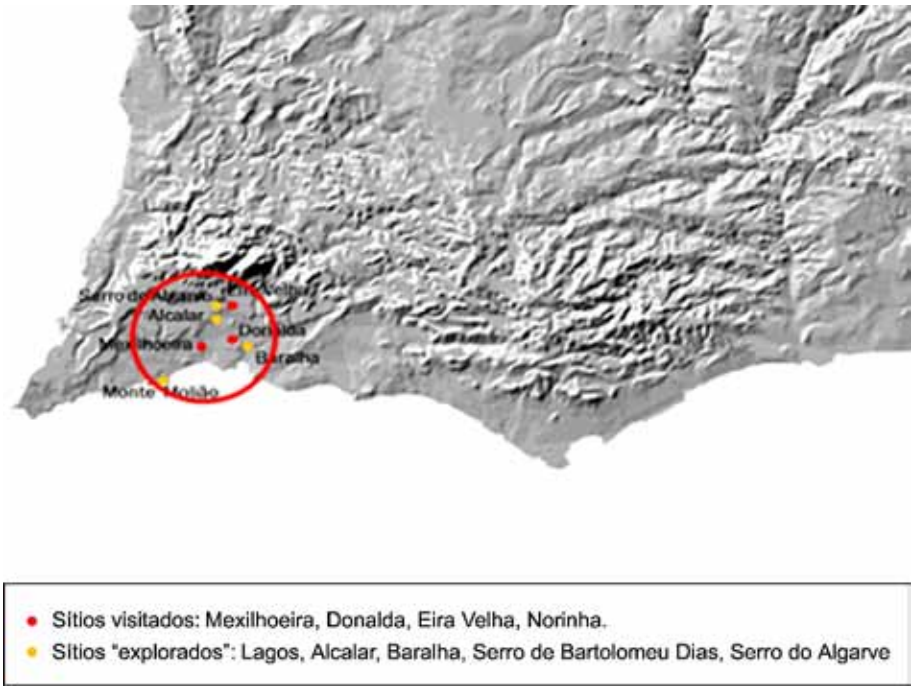

Fig. 11 - As "expedições" do século XX.

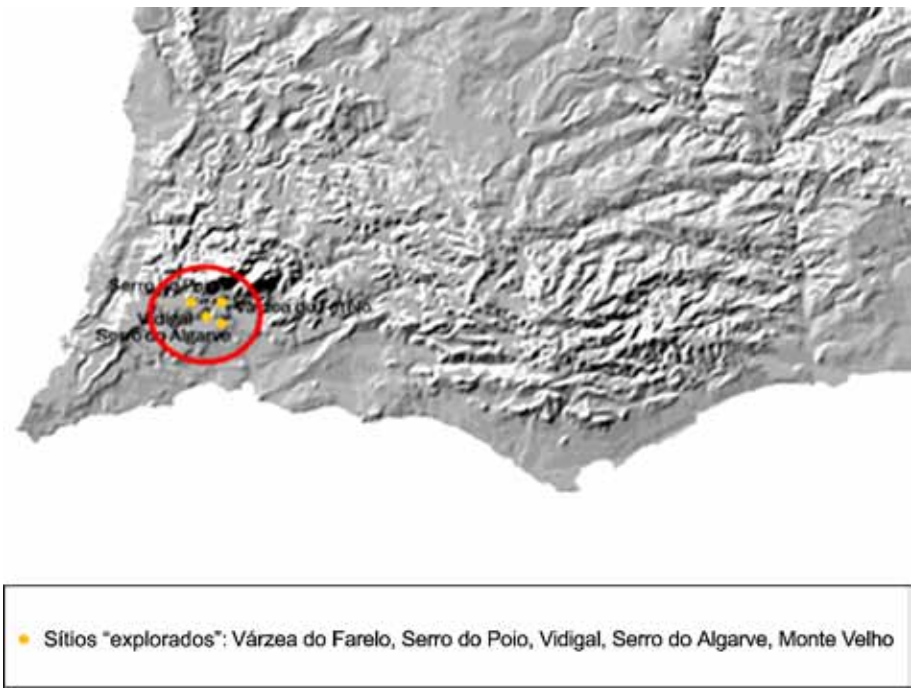

Fig. 12 - As "expedições" do século XX.

Fig. 13 - Apontamentos sobre a necrópole explorada no Serro de Bartolomeu Dias.